

O PARADOXO DO SENTIDO: DA UNIDADE DO REAL PARA A TENSÃO LIBERDADE-RESPONSABILIDADE NA LOGOTERAPIA

THE PARADOXE OF MEANING: FROM THE UNITY OF REAL TO THE TENSION FREEDOM-RESPONSABILITY IN LOGOTHERAPY

Adriano Furtado Holanda¹

Vânia Helena Amarante²

RESUMO

O ser humano, por estar no mundo, comunica algo sobre sua existência. O presente artigo pretende colaborar para oferecer subsídios à reflexão existencial a partir da logoterapia de Viktor Frankl. Aponta para o quanto há de humano na produção do conhecimento, assim como a possibilidade e a necessidade de ir além da reflexão já estabelecida. Tomando a prática psicoterápica como foco, apresenta o resgate da dimensão espiritual da pessoa, a partir da constatação do que Frankl chama de inconsciente espiritual no encontro existencial de paciente e psicoterapeuta. Tanto no caso da investigação científica quanto no da abordagem clínica, a analogia se mostra um recurso apropriado para demonstrar a relação de semelhança entre elementos, assim como para aproximar diferentes compreensões acerca de um mesmo fato.

Palavras-chave: Logoterapia. Viktor Frankl. Existência. Psicoterapia. Inconsciente Espiritual.

ABSTRACT

Human beings, by being in the world, communicate something about its existence. This article aims to collaborate to offer subsidies to existential reflection from the logotherapy of Viktor Frankl. It points to how much as about human in the production of knowledge, as well as the possibility and need to go beyond the thinking already established. Taking the practice of psychotherapy focus, introduced the rescue of the spiritual dimension of person, from the realization of what Frankl calls the spiritual unconscious in existential encounter of patient and psychotherapist. Both in research and in the clinical approach shows an analogy to the appropriate resource to demonstrate the relationship of similarity between elements so as to bring about

Keywords: Logotherapy. Frankl. Existence. Psychotherapy. Spiritual Unconscious.

¹ Psicólogo. Mestre em Psicologia pela Universidade de Brasília. Doutor em Psicologia pela PUC – Campinas. Professor Adjunto do Departamento de Psicologia e da Pós-Graduação (Mestrado) em Psicologia da Universidade Federal do Paraná. *E-mail:* aholanda@yahoo.com.

² Graduada em Direito pela Faculdade de Direito de Marília e em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná. *E-mail:* vaniamarante@bol.com.br.

INTRODUÇÃO

A Teoria da Logoterapia aparece, hoje, como uma alternativa aos modelos que pretendem de algum modo compreender a trajetória humana e as diversas formas pelas quais a pessoa manifesta e realiza seus valores no mundo (ROEHE, 2005; PEREIRA, 2007; COELHO JUNIOR; MAHFOUD, 2001; SILVEIRA; MAHFOUD, 2008). Ao mesmo tempo, serve como um alerta a respeito das consequências do processo de modernização (MACIEL, 2004); igualmente o legado de Viktor Frankl vem sendo resgatado na literatura, bem como em suas especificidades clínicas e epistemológicas (MOREIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2006; SILVEIRA, 2006; MOREIRA; HOLANDA, 2010; CORREA; HOLANDA, 2012).

O pensamento de Frankl representa uma importante página na história da Psicologia, por suas reflexões tanto antropológicas como filosóficas (FRANKL, 1978, 1989, 2003, 2007). Interessa à análise existencial- logoterapia uma psicoterapia que oriente o homem a respeito do que “deve fazer”. Com essa mensagem, Frankl inicia um dos capítulos de *Homo Patiens* (projeto de uma patodiceia), obra posteriormente publicada em um único volume com *O homem incondicionado* (lições metaclínicas) sob o título *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. As duas obras reúnem textos de conferências pronunciadas na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena, entre 1949 e 1950, com o objetivo de expor os fundamentos filosóficos da análise existencial-logoterapia.

Para introduzir essa categoria de “dever”, de valor, de sentido, na psicoterapia, cumpre superar antes o niilismo latente em todo fisiologismo, psicologismo e sociologismo. Em vez da negação niilista do sentido, deve-se buscar a interpretação do sentido. No entanto, interpretar não significa “dar” um sentido qualquer, arbitrariamente, à existência. O que importa é encontrar “o” sentido (FRANKL, 1978, p. 231).

Num primeiro momento, o **sentido** – termo extraído da palavra grega *logos* – pretende transmitir as ideias que motivam e fundamentam um tipo de atitude voltada à forma de fazer psicoterapia e que também constitui uma filosofia, a do *logos*. Seus enunciados, em especial sua visão da presença humana no mundo, foram aplicados à prática clínica por meio da análise existencial-logoterapia – dois momentos complementares e indissociáveis. Esse trabalho recíproco envolvendo teoria e prática teve como resultado a descoberta de um campo e de técnicas capazes de evidenciar os fenômenos humanos. A instrumentalização de tal concepção, por sua vez, resultou no desenvolvimento de um método capaz de distinguir e ao mesmo tempo vincular ao humano à intencionalidade de seus atos.

Diante do problema de como é possível tal descoberta, partimos de uma resposta que costuma ser dada à questão do sentido da vida: o sentido da vida é a própria vida! No primeiro momento, parece que isto é uma tautologia e uma solução fictícia. Mas se examinarmos de perto o assunto, veremos que se trata não propriamente de uma formulação tautológica, e sim paradoxal. Quando digo que o sentido da vida é a própria vida, a palavra “vida” é usada duas vezes e, em cada uma delas, com uma acepção distinta. Na primeira, entendo por “vida” a vida factual; na segunda, a vida facultativa. Uma vez, tal qual ela nos é dada; outra, a vida como missão a cumprir. Em outras palavras: despojada de seu caráter paradoxal, a fórmula quer dizer que o facultativo é o sentido do factual (FRANKL, 1978, p. 231).

O simples fato de abordar o tema do paradoxo do sentido, afirmando sua existência, já indica a possibilidade de enfrentamento e superação dele. Por conclusão análoga, momentos aparentemente distintos

da existência humana – tal como a transitoriedade e a eternidade – também merecem ser repensados. Muitas vezes, os postulados científicos e seus métodos isolam as dimensões ôntica e ontológica de tal forma que acabam por desconsiderar a complexidade e a sutileza do fenômeno humano, isto quando não o classifica na categoria de objeto. Os dois momentos citados precisam ser compreendidos em sua distinção e complementaridade a partir do mundo do *logos*, ou seja, dos motivos e significados singulares e únicos que garantem a coesão em uma unidade.

Em conexão com o termo “logoterapia”, *logos* não deve ser entendido somente no significado original de “sentido”, mas no de “espírito”. Conforme o comentário de Friedrich Salomon Rothschild – psiquiatra cujo nome foi dado ao hospital, em Viena, em que Frankl exerceu a direção do setor de neurologia durante 25 anos –, a partir do momento em que se respeita a realidade que é “dada”. Como ensina a fenomenologia, é possível distinguir três formas de ser: corporal, mental e espiritual. Analogamente, cabe-nos diferenciar entre **somato**, **psico** e **noogênese** (FRANKL, 1978, p. 31).

A lógica paradoxal inerente à filosofia do *logos* a caracteriza e a distingue. Momentos separados pela categoria “tempo” podem e são novamente por ela unidos, resguardadas as escalas valorativas, por meio de um “hiato ontológico” que é preenchido pela ação humana fundamentada na intenção paradoxal. Esse hiato ontológico corresponde à abertura humana ao mundo e pode receber outras denominações, tal como fissura. Paradoxo, neste caso, pretende indicar o sentido e a direção de um pensamento que é aberto ao mundo e que se manifesta em atitudes com as mesmas qualidades daquele.

O pensamento equivale à atitude que se expressa nas ações e leva a pessoa a buscar verdades capazes de atribuir coerência à existência e, conseqüentemente, sentido. Contudo, realizar valores no mundo muitas vezes significa questionar e, se necessário, até mesmo assumir posição contrária à organização convencionalmente estabelecida e que configura determinado *status*. De fato, o pensamento apenas pode se realizar por meio das atitudes de uma pessoa inserida no contexto próprio de uma época e, por isso, submetida a condições específicas. Por este motivo, foi delineada no texto a trajetória do pensamento de Frankl, visando oferecer uma breve compreensão de onde, por que e para que o conhecimento foi buscado. Na realidade, o que se pretende é evidenciar que o pensamento paradoxal se manifesta ao longo da obra e da vida do autor, possibilitando ao leitor a apreensão de suas várias nuances.

A partir do modelo antropológico dimensional, o autor define o *logos* e a existência humana por excelência, cuja característica de abertura à transcendência é ao mesmo tempo única, singular e indisponível. Esse modelo apresenta o homem como uma unidade de dimensões bio-psico-sócio-espiritual. A existência para a qual se dirige a análise existencial é a que se refere à dimensão noética, ou espiritual, na qual o humano encontra a possibilidade de ser, de criar por meio da intencionalidade dos atos cognitivos.

Na medida em que o homem é essencialmente um ser espiritual (transcendendo, portanto, a *physis* e a *psyche*), *logos* (sentido) representa o aspecto objetivo, enquanto **existência** (o especificamente humano) representa o aspecto subjetivo dessa espiritualidade. No entanto, ambos os aspectos estão, por assim dizer, ultrapassados e ligados um ao outro pela essencial autotranscendência do homem, o que eu defino como um lançar-se por cima de si mesmo na direção de alguma coisa ou de alguém, a saber, de um sentido a ser realizado ou de um parceiro a ser encontrado (FRANKL, 1978, p. 197, grifos no original).

Logo, se o ser humano representa uma unidade que contém diferentes dimensões, nada impede que entre elas existam diferenças e, ainda assim, comuniquem-se. Neste caso, a diferença entre dimensões indica, por exemplo, que determinado aspecto é coexistente, mas para fins de adequação assume forma, grau ou intensidade diversa. E mais: devido à ligação, pode inclusive ocorrer troca de elementos entre dimensões. Essa distinção, digamos, qualitativa, quem atribui é a pessoa. Dimensões diferentes significam as várias possibilidades acessíveis ao humano nos vários e também diversos momentos da existência. Por esse motivo, é possível afirmar que as contradições não necessariamente contradizem a unidade do real. “Os eventos não se seguem em sequência temporal, mas o que é visto como sequência no tempo é apenas um autoengano causado por nossa consciência que desliza ao longo dos acontecimentos, isto é, os aspectos individuais da realidade imutável, que não são fatos sucessivos, mas na realidade coexistentes” (FRANKL, 1989, p. 94).

De fato, tudo existe simultaneamente, diz Frankl (1989). Cabe a cada pessoa descobrir um sentido único no mundo que expresse o seu jeito de pertencer à humanidade e, assim, delimitar o espaço por meio de sua ação criativa. Para quem lida com o sofrimento humano, tal afirmação corresponde a uma mudança de paradigma. Parte-se do pressuposto de que a produção do conhecimento tenha por meta a promoção do humano e da humanidade em coerência com as responsabilidades específicas decorrentes de tal ato, o que equivale a afirmar a abertura ao mundo apesar das diversidades encontradas em nível macro e micro – e, acrescente-se, justamente devido a esse fato.

Talvez o mais importante seja fazer as perguntas e buscar respondê-las. Talvez o pensamento no qual se fundamenta a Teoria da Análise Existencial-Logoterapia seja equivalente ao que é necessário ser evidenciado por meio de atitudes, em adequação a cada momento da existência.

1 RESPOSTA À “EXIGÊNCIA HISTÓRICA DE UMA NOVA TEORIA PSICOLÓGICA”

Apresentar uma teoria sem dizer algo sobre seu autor equivaleria a separá-la do humano. O autor da logoterapia, Viktor Emil Frankl (1905-1997), nasceu na cidade histórica de Viena quando esta alcançava seu apogeu artístico e intelectual, sendo, sob este ponto de vista, a capital cultural da Europa. Nesta nova fase de sua existência, Frankl dá início à sua trajetória científica em busca do sentido da vida, trabalhando no setor de Neurologia da clínica da Universidade de Viena e especializando-se em Neurologia e Psiquiatria (XAUSA, 1988).

A aplicação clínica da filosofia do *logos*, por ter suas origens na Escola Existencial de Psiquiatria – cujo principal representante é o psiquiatra e filósofo Karl Jaspers (1883-1969) –, foi inicialmente denominada análise existencial. Tal denominação não se manteve para evitar sua associação às demais escolas de análise existencial vigentes à época. Por volta dos anos 1930, em virtude da experiência clínica de seu autor, foi desenvolvida e complementada, recebendo o nome de logoterapia, para evidenciar sua peculiaridade em relação às demais escolas existenciais que se desenvolviam no continente europeu, na mesma época. Atualmente, em especial nos países europeus, a tendência é referir-se a esta abordagem como análise existencial-logoterapia – nomenclatura que é adotada no texto do artigo, exceto no caso de citações literais.

Inicialmente, convém ressaltar que sua proposta está longe de sugerir uma análise da existência – posto esta ser irreduzível e, por consequência lógica, não analisável. A finalidade da logoterapia é incluir o *logos* na psicoterapia; a finalidade da análise existencial é incluir a existência na psicoterapia (FRANKL, 1978, p. 197). A análise existencial-logoterapia orienta a análise **sobre** a existência. A filosofia que orienta referidas abordagens passou por um longo processo de evolução conceitual até alcançar o conteúdo que se pretende transmitir por meio deste artigo. Frankl nunca esteve sozinho em sua procura, sobretudo teoricamente. Segundo Rodrigues (1991), ele foi buscar em muitos autores a base da sua escola. Contudo, seu estilo, ousadia, vivências e acima de tudo seu amor e sua arte foram únicos e genuínos.

Como afirma Rodrigues (1991, p. 31), não foi Frankl que criou o conceito de sentido da vida “[...] nem os conceitos filosóficos e antropológicos sobre o sentido da mesma. Estes últimos já tinham sido esboçados, [...] pelos existencialistas do fim do século passado e do princípio deste”. Sua contribuição foi fundamental, uma vez que ele próprio descobriu um sentido **na** e **para** sua trajetória científica, apesar dos determinismos e nihilismos, assumindo a responsabilidade por levar os postulados da logoterapia – o cuidado do sentido – para a Psiquiatria Clínica e para a Psicologia.

O ser humano foi reabilitado e conduzido à categoria de agente que decide, respondendo à liberdade que o mundo lhe coloca. O que é evidenciado por meio dessa visão de mundo sobre a existência são dois atributos distintivos do humano: um deles é a imagem de homem, fundamento da antropologia dimensional; o outro é a liberdade da vontade, que corresponde à busca pela oportunidade de escolher criativamente, permitindo ao homem ser no mundo a partir da sua intencionalidade.

Mário Caponetto (apud XAUSA, 1988, p. 29) apresenta a obra frankliana como uma trajetória no tempo e no espaço e a relaciona aos momentos existenciais do autor, a situações de seu contexto às quais ele respondeu ao **para que** de sua liberdade. Seguindo essa lógica, a fase anterior à guerra corresponde ao **momento interrogativo**, ao qual seguiram outros três, o **pático**, o **científico** e o **sapiencial**. A vantagem de tal delimitação por momentos é que, sem negar o movimento, permite um olhar sutil e ao mesmo tempo panorâmico que revela um processo com avanços e recuos, de modo a facilitar ao máximo a possibilidade de captar o que significou a ação de Frankl no seu tempo. Além disso, permite maior discernimento em relação aos caminhos e instrumentos utilizados: logoterapeuticamente falando, possibilidades e oportunidades. Essa compreensão é fundamental àqueles que se interessam em (re)construir caminhos.

Em seu momento interrogativo, Frankl ocupava a posição de discípulo inquisidor. Compartilhava dos conhecimentos de Freud e Adler, entre outros, desempenhando sua função de profissional idealista e psiquiatra atento em busca de uma verdade científica condizente com o ser humano (XAUSA, 1988, p. 40). A título de contextualização, cumpre ressaltar que o autor presenciou as duas Grandes Guerras, motivo pelo qual não convém desconsiderar o clima sociopolítico de luta de classes vigentes, o que leva a pensar sobre a natureza da demanda nos consultórios médicos e psiquiátricos, na época. Fato é que Viktor Frankl foi forçado a interromper sua carreira durante a Segunda Guerra Mundial.

Até o ano de 1940/41, Frankl já tinha completado, praticamente, todos os postulados de sua Escola de Análise Existencial/Logoterapia. No entanto, foi após essa época que ele a enriqueceu, ao sofrer, por quase quatro anos, sucessivos e contínuos internamentos em vários campos de concentração nazistas espalhados pela Europa na Segunda Guerra Mundial (RODRIGUES, 1991, p. 15).

Ao momento interrogativo seguiram-se outros momentos muito diferentes que marcaram profundamente o cientista, tornando a sua obra ímpar na história da Psicologia (XAUSA, 1988, p. 29). O **momento pático** corresponde aos quase quatro anos em que o autor esteve preso nos campos de Auschwitz e Dachau. Durante esta fase, teve a oportunidade de confrontar a teoria nascente com a sua própria experiência e, assim, refletir sobre o que chamou de “existência desnuda”.

Experimentou a força dos condicionamentos e frustrações de toda a ordem, não mais como psiquiatra, e sim como prisioneiro que aprendeu a conhecer o homem por seu próprio sofrimento e pelo dos seus companheiros de prisão (XAUSA, 1988). Após a sua libertação, passado o período da guerra, apresenta ao mundo o seu livro *Um psicólogo no campo de concentração*, que contém os fundamentos da logoterapia, psicoterapia que propõe cuidar do ser humano em sua totalidade, por meio da antropologia dimensional. Assim, postula-se a existência humana como um todo que contém as dimensões bio-psico-sócio-espiritual. Frankl escolhe falar de diferenças dimensionais em vez de qualitativas e explica o motivo: “A vantagem é que os resultados elevados a diversos níveis e contraditórios entre si não se mantém num relacionamento de exclusão, apesar das contradições. Pelo contrário, entre as várias dimensões, aquela que é mais elevada abrange, encerra em si, a que lhe é inferior” (FRANKL, 1978, p. 43).

No trecho transcrito, Frankl faz reminiscência da existência de uma hierarquia de valores. Valores apenas podem ser considerados como objetos a partir do momento que se admitir que correspondem à atitude intencional de atribuir valor a alguma coisa, até o ponto em que o limite entre sujeito e objeto seja tão sutil que permita a continuidade de uma dimensão a outra. No prefácio ao livro *Em busca de sentido* (FRANKL, 2003, p. 9), Allport comenta o quão óbvio era que Frankl, como psicoterapeuta, tivesse o desejo de saber como era possível ajudar pessoas a alcançar esta capacidade exclusiva dos humanos. Mais do que o desejo, vivia no meio científico. Tudo indica que a sua antropologia dimensional serviu a esse propósito. A concepção ontológico-dimensional frankliana apresenta a vantagem de que, **apesar da especificidade** de cada fenômeno na dimensão que lhe é própria, é preservada a **continuidade** de um fenômeno para outro (FRANKL, 1978).

Ainda, quanto ao homem e às suas prerrogativas, deixa bem claro que, apesar do seu lado especificamente humano, o homem não deixa de ser um animal. Até porque ser homem e ser animal não significa uma contradição. Não há exclusão de um em benefício do outro. Aliás, essa constatação é menos importante do que o reconhecimento do fenômeno humano como irreduzível e dimensional (FRANKL, 1978). Esta mudança na visão de mundo, que implica a revisão de paradigmas, corresponde a um resgate da possibilidade humana de enfrentamento e superação das eventuais adversidades que possam se manifestar durante a trajetória existencial.

Frente a esta suscetibilidade e visando ao benefício da condição humana, a escola de logoterapia/análise existencial introduziu na Psiquiatria e na psicoterapia uma nova atitude terapêutica, em que também a dimensão espiritual do homem é considerada (RODRIGUES, 1991, p. 15). As implicações dessa visão de homem e de mundo são fundamentais para o ser que sofre e que precisa se (re)posicionar frente ao mundo, pois o paciente é visto não apenas como um mecanismo de reações biológicas e de psicodinamismos, mas como uma totalidade antropológica, na qual, sobretudo, impõe-se a dimensão espiritual. “Os pacientes são, portanto, entendidos como seres humanos, únicos e peculiares, seus sintomas e suas doenças são vistas como uma maneira de ser” (RODRIGUES, 1991, p. 16).

Essa atitude paradoxal de confrontação dos paradigmas transpassa toda a Teoria Logoterápica. Transposta para a clínica, a atitude paradoxal resulta no antagonismo psicoonético, capacidade humana de, apesar da perturbação em alguma das dimensões existenciais (física, psíquica, social), poder “transcender” ou continuar buscando o sentido da vida por meio do espiritual.

Ao ápice do momento científico, segue-se o **sapiencial**, o qual corresponde à integração entre os conhecimentos teóricos e a prática terapêutica. O inconsciente espiritual passou a constituir o referencial do trabalho logoterápico. O humano abre definitivamente a porta da transcendência (XAUSA, 1988). O livro *A presença ignorada de Deus* foi publicado em 1948, o mesmo ano em que alcança a docência de Neurologia e Psiquiatria e, no ano seguinte, a licenciatura de Filosofia (XAUSA, 1988). Nesta obra, o elemento espiritual ou humano é descrito como o estado íntimo de relação com Deus. Esta relação muitas vezes se encontra em estado latente, motivo pelo qual foi chamada de presença ignorada de Deus.

Nele Frankl, além de descrever com profundidade a análise existencial da consciência, descreve a sua transcendentalidade e manifesta o ponto máximo de sua criatividade, apresentando o inconsciente espiritual. A voz da consciência aparece como sendo a voz da transcendência, os sonhos também são considerados como manifestação de uma linguagem espiritual e religiosa, além dos elementos instintivos do inconsciente (XAUSA, 1988, p. 43).

Então, se há algo espiritual no inconsciente, é possível descobrir, nesta relação, algo transcendente no inconsciente (XAUSA, 1988). A logoterapia, como análise existencial, descobriu no humano uma relação com o transcendente, relação esta que tanto pode ser consciente quanto inconsciente – embora em seu sentido último seja sempre inconsciente. O conceito de inconsciente foi ampliado, sendo possível encontrar nele, além da impulsividade, também a espiritualidade.

A análise existencial-logoterapia não deve ser pensada somente como uma prática, hipótese em que haveria o risco de ser resumida a efeitos percebidos como não humanos ou ter seus fundamentos e pressupostos apreendidos e transmitidos de forma utilitária. Um exame rigoroso da teoria revela a complexidade dos seus preceitos e convida o iniciante a rever e aprofundar seus conhecimentos antes de se voltar à aplicação deles. É interessante constatar que, logo na apresentação do primeiro volume referente aos fundamentos da logoterapia (RODRIGUES, 1991), foi citada a ressalva feita por Frankl àqueles que porventura escolham seguir seus passos. Rodrigues (1991, p. 10) comenta o fato de Frankl recomendar aos aspirantes a logoterapeutas a leitura repetida e a reflexão constante de suas obras básicas, mas que, apesar disso – e acrescente-se, devido a isto –, “podem apresentar outras perspectivas, outras formas pessoais de abordagem também coerentes com os postulados logoterápicos”. Uma vez que tal advertência sobre o conselho do mestre é feita logo na apresentação do primeiro volume sobre os fundamentos da logoterapia, é razoável presumir que tal advertência seja no mínimo oportuna, por proporcionar o questionamento acerca dos fundamentos que orientam a prática, para fins de revisão e atualização. No que tange a este aspecto e no que se refere especificamente ao aprendizado psicoterapêutico, tanto quanto o humano, os constructos teóricos e as convenções decorrentes necessitam manter abertura às possibilidades de nova significação. Daí a necessidade de releitura constante daquilo que se convencionou chamar humano e daquilo que efetivamente o caracteriza, apesar de todos os condicionamentos. Considerando as várias especialidades e talentos dirigidos à pessoa humana, isso deveria ser desejado. Imagina-se que esta seja a pretensão de todos aqueles que questionam a respeito da condição humana e se habilitam a confrontá-la.

2 QUESTÕES FILOSÓFICAS NO LIMITE DA PRÁTICA PSICOTERAPÊUTICA

Partindo da compreensão das dimensões humanas que devolvem ao ser a dignidade da unidade apesar da diversidade, é necessária uma breve retomada dos acontecimentos no âmbito da produção do conhecimento, a fim de compreender a atitude frankliana e constatar a adequação do **giro copernicano**. Nesta parte do trabalho, usaremos como referência a pesquisa desenvolvida pela professora Izar Xausa, posteriormente oferecida ao público como *A psicologia do sentido da vida* – primeira publicação no Brasil sobre logoterapia. Para a autora, nos fins do século XIX, devido ao grande progresso das ciências naturais, particularmente as biológicas e fisiológicas, a Filosofia ataca e deprecia toda investigação metafísica idealista e vai desembocar no naturalismo e no positivismo (XAUSA, 1988, p. 50).

Some-se a isto o fato de que essas filosofias não conseguiram resolver questões concretas do ser humano e foram perdendo a atualidade para correntes novas, mais concretas e mais abertas à totalidade do ser humano (XAUSA, 1988). As fontes do conhecimento filosófico de então, voltadas às ciências da natureza, mostravam-se insuficientes para fundamentar uma investigação que não partisse tão somente da subjetividade ou da objetividade, mas do entrelaçamento de ambas.

Era preciso, pois, ir além das aparências e buscar por categorias lógicas que pudessem ser evidenciadas de forma análoga ao conhecimento que já existia e que tinha por referência apenas as coisas sensíveis oferecidas à percepção. A analogia remete a elementos de categorias diferentes e que necessitam ser consideradas em conjunto para conferir sentido à realidade, a qual sempre foi e continuará sendo única, apesar das especificidades. “O personalismo e o existencialismo faziam reflexão sobre a experiência concreta e própria de cada ser humano em particular; o personalismo valorizou a comunidade dos homens” (XAUSA, 1988, p. 89).

Essa atitude antipositivista partiu da imediata relação com o mundo, pois foi compreendido que havia uma peculiaridade na vida e uma diferença fundamental dela frente à matéria, diferença essa que estava sendo desconsiderada. Em relação a pensamentos e influências sobre a obra frankliana, merecem destaque as ideias de Emmanuel Mounier (1905-1950) e de Max Scheler (1894-1928). O personalismo de Mounier, ao pregar a valorização da pessoa, o exercício da liberdade e da responsabilidade e o comprometimento com a comunidade, encontra na psicologia de Frankl muitos pontos de identificação (XAUSA, 1988).

Em Scheler encontra-se o germen de um personalismo em psicologia e de um humanismo em psicoterapia. A visão antropológica de Scheler, que considera o espírito como centro da pessoa e esta como um ser aberto ao mundo, representa o cerne da teoria psicológica frankliana, sobre o qual se apoiarão a criação do inconsciente espiritual, o estudo da transcendência da consciência e especificação da autotranscendência da existência humana (XAUSA, 1988, p. 73).

Scheler e Frankl reconheceram e explicitaram a unidade ontológica da pessoa humana. Todas as filosofias da existência têm como traço comum o fato de se basear na vivência existencial, de tomar como tema principal a existência e de colocar o homem na condição de único ser cuja existência cria-se livremente, “[...] como realidade inacabada e aberta, [...] essencial e intimamente vinculada com o mundo e, em especial, com os demais homens. A relação homem-mundo constitui o tema da filosofia existencialista” (XAUSA, 1988, p. 74). Segundo os filósofos existencialistas, no momento e à medida que o homem enfrenta a realidade é que ele

se dá conta de sua finitude e da fragilidade de sua posição no mundo. Ao homem cabe manter-se aberto às suas possibilidades e tentar realizá-las em meio a acertos e desacertos, avanços e recuos. A concepção existencialista surge da necessidade de resposta à crise da civilização, como “uma abertura para o humano da existência, situado no aqui e agora” (XAUSA, 1988, p. 85).

Xausa (1988), citando o próprio Frankl, comenta ainda que a colaboração do existencialismo se deve ao fato de ter realçado a existência do homem como algo essencialmente único e concreto, ao contrário do vago conceito de vida da filosofia de outros tempos. A análise existencial, juntamente ao método fenomenológico aplicado à psicoterapia, reagia contra as rotulações positivistas subjacentes às perspectivas psicoterapêuticas que fechavam os olhos para a pessoa em sua vivência existencial (XAUSA, 1988). Deste modo, para a análise existencial, o paciente existe como ser-no-mundo e o terapeuta como coexistente e coparticipante dele. E, no prefácio de “A presença ignorada de Deus” (FRANKL, 2007, p. 9), Xausa revela a descoberta de Frankl: o encontro do próprio homem no encontro existencial de paciente-terapeuta, uma vez ultrapassada a psicoterapia conceitual, técnica e classificatória.

3 O INCONSCIENTE ESPIRITUAL

A lógica da análise existencial-logoterapia se vincula à possibilidade do encontro de novas configurações, motivo pelo qual ocorre a compreensão do fato de que, para ir ao encontro do humano, muitas vezes é necessário ir de encontro aos conhecimentos convencionais e legitimados, cujo interesse é a manutenção e a reprodução das ideologias inerentes a determinados sistemas estabelecidos, dos quais normas são impostas quase sempre *a priori*.

Logo, o objetivo da análise existencial-logoterapia é fazer um mapeamento dos conhecimentos pré-existentes e comuns à sua causa – o humano – para, a partir deles, traçar novas trajetórias que permitam vislumbrar a existência de algo além de cada limite. Em qualquer situação existencial, o elemento humano está na base de sustentação da estrutura visível. No entanto, submetido a circunstâncias condicionantes, ele corre um grande risco de permanecer oculto e cerceado em suas possibilidades de escolha. “A logoterapia, como análise existencial que é, reconhece na pessoa a “dimensão noológica” situada além do psicofísico, numa visão mais ampla que inclui o espiritual, entendida não apenas como dimensão religiosa, mas valorativa, intelectual e artística” (FRANKL, 2007, p. 6).

No que diz respeito ao conceito de inconsciente, seu conteúdo passou a englobar, além do instintivo, também o espiritual. Obviamente, a partir desse fato, surgiu e ampliou-se progressivamente o interesse na investigação dessa dimensão e de seus conteúdos, tanto os manifestos quanto os latentes. O conhecimento científico passou a caminhar em sintonia com o humano.

Quando é negada a autotranscendência da existência, a própria existência é desfigurada. Ela é materializada. O ser fica reduzido à mera coisa. O ser humano é despersonalizado. E, o que é mais importante, o sujeito é transformado em objeto. Isto é devido ao fato que é característica de um sujeito relacionar-se com objetos intencionais em termos de valores e significados que têm a função de motivos e de razões (FRANKL, 1989, p. 47).

O conhecimento produzido, voltado à prática clínica, abriu-se ao conceito de um inconsciente espiritual como o núcleo dos atos volitivos da pessoa e por meio do qual ela é capaz de organizar suas oportunidades existenciais em coerência e adequação aos seus motivos. Ampliada a extensão do inconsciente, compreende-se nele, além dos elementos das dimensões biológica, psicológica e social, passíveis de condicionamento, também os da dimensão humana ou espiritual, a qual atribui os valores que terão prioridade frente às escolhas, visando integrar todas elas, em coerência e adequação à unidade do real.

A existência propriamente dita é, portanto, irreflexível, por não ser passível de reflexão e, assim, também não analisável. Com efeito, quando usamos a expressão análise existencial, não queremos dizer análise da existência, mas, conforme já foi definido, “análise dirigida à existência”. A existência propriamente dita continua sendo um fenômeno primário não analisável e irreduzível. Também cada um de seus aspectos elementares, como, por exemplo, quando nos referimos à consciência e à responsabilidade, constitui um estado fenomenológico do mesmo tipo (FRANKL, 2007, p. 26).

A liberdade, para ser digna da qualidade humana, requer o atributo da responsabilidade. Técnicas são desenvolvidas para que o logoterapeuta apele ao paciente – e este, ao seu inconsciente espiritual –, para que ele traga perante a consciência o caráter de responsabilidade da existência (FRANKL, 2007). Em *A presença ignorada de Deus*, Frankl cita a existência de dois tipos de consciência – em coerência com o pressuposto das dimensões antropológicas –, a psicológica imanente e a transcendente ou espiritual, e afirma que a consciência psicológica imanente, assim como a responsabilidade, constitui um fenômeno primário (FRANKL, 2007). Esclarece ainda que, conforme a tradução da palavra alemã “*Bewusstsein*”, ou “*Bewusstheit*”, a consciência psicológica significa, literalmente, “conhecimento do que se passa em nós”. Já a consciência transcendente ou espiritual deriva da palavra alemã “*Gewissen*” e significa a “faculdade de estabelecer julgamentos morais dos atos realizados” (FRANKL, 2007, p. 26).

Tal fenômeno primário não tolera nenhuma redução ulterior, ou, dito de outra forma, dentro do plano ôntico esses fenômenos são irreduzíveis. Seu esclarecimento não pode ocorrer através de sua redução no ôntico, mas somente através da transcendência para o ontológico. Tanto a consciência quanto a responsabilidade são e continuam sendo problemas insolúveis no plano da reflexão psicológica imanente. Porém, assim que as deslocarmos para uma dimensão ontológica deixam imediatamente de ser problemas: nesta dimensão, a consciência e a responsabilidade são fenômenos primários, próprios do ser humano como “elementos existenciais”, como os dois atributos básicos que pertencem ao ser existencial, como algo que nele sempre esteve contido (FRANKL, 2007, p. 26-27.)

Como conceber, no campo do inconsciente espiritual, a transcendência da consciência a partir da sua facticidade psicológica em direção à transcendentalidade essencial? Aqui precisa ser dito algo a respeito da consciência moral, que, a partir da compreensão ontológica pré-reflexiva, admite a “voz da consciência” como interlocutora dos diálogos mais íntimos. Uma vez que a consciência não pode “ter” voz, porque ela própria “é” a voz, conclui-se que se trata da voz da transcendência, ou de Deus, em sua presença, muitas vezes, ignorada ou desconhecida.

Embora sempre tenha existido uma ligação intencional com Deus, esta se manteve muitas vezes inconsciente. Por este motivo é a denominação “Deus inconsciente”. Assim, a qualidade da autotranscendência da presença humana é refletida, por sua vez, na qualidade “intencional” dos fenômenos humanos, como a denominam Brentano e Husserl (apud FRANKL, 1989), sejam eles conscientes ou inconscientes.

Essa voz que é ouvida não pertence àquele que ouve, o que evidencia o vínculo transcendente da consciência, não sendo possível, porém, concluir a instância do mesmo. Sob esse ângulo, o termo “pessoa” adquiriria um novo significado, pois agora podemos dizer: através da pessoa humana *personat*³ uma instância extra-humana (FRANKL, 2007, p. 49).

A totalidade das descobertas feitas até aqui pela análise existencial, revelando a possibilidade de superação do paradoxo da simultânea transcendência e imanência absoluta da **consciência**, aponta para o fato de que ela está ao mesmo tempo infinitamente longe e infinitamente perto (FRANKL, 1978) – o que inevitavelmente leva à associação com as polaridades envolvidas em qualquer situação. Por analogia, algo como um processo em três estágios pode ser diferenciado na evolução das investigações sobre a análise existencial. Como assinala Frankl, o ponto de partida foi o “fato fenomenológico primário” que identifica o humano com o ser consciente e responsável, ou na “síntese ou ‘potenciação’ de ambos na consciência da responsabilidade, no estar consciente de ter responsabilidade” (FRANKL, 2007, p. 57).

Numa segunda fase de desenvolvimento, a análise existencial fez uma investida pelo campo da espiritualidade inconsciente. Da mesma forma que a logoterapia, como aplicação clínica da análise existencial, acrescentou o espiritual ao psicológico (que era até então praticamente o único objeto da psicoterapia), ela passou a aprender e ensinar a ver o espiritual também dentro do inconsciente, algo como um logos inconsciente; ao id, como inconsciente instintivo, foi acrescentado, como nova descoberta, o inconsciente espiritual. Com essa espiritualidade inconsciente do ser humano, que qualificamos como inteiramente pertencente ao eu, descobrimos aquela profundidade inconsciente onde são tomadas as grandes decisões existencialmente autênticas; a partir disso deduzimos, nem mais, nem menos que, além da consciência da responsabilidade consciente, deve existir algo como uma responsabilidade inconsciente (FRANKL, 2007, p. 57).

Ao reconhecer o inconsciente espiritual, a análise existencial evita qualquer possibilidade de intelectualização e racionalização unilateral à essência do ser humano.

Ademais, numa terceira etapa de desenvolvimento, a análise existencial descobriu, dentro da espiritualidade inconsciente do ser humano, algo como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus, de uma relação com o transcendente que, pelo visto, é imanente no ser humano, embora muitas vezes permaneça latente. Enquanto que com a descoberta da espiritualidade inconsciente surgiu o eu (espiritual) por trás do id (inconsciente), com a descoberta da religiosidade inconsciente apareceu o tu transcendente por trás do eu imanente. Assim, se inicialmente o eu se revelou como “também inconsciente”, ou o inconsciente como sendo “também espiritual”, agora esse inconsciente espiritual mostrou ser “também transcendente” (FRANKL, 2007, p. 58).

A abrangência do inconsciente, assim como seus limites, refere-se aos momentos, às fases pelas quais se desenvolve a análise existencial ou, em outras palavras, o processo mediante o qual a responsabilidade vai sendo levada à consciência. A responsabilidade existencial sempre se coloca frente a um contexto histórico-social, envolve os valores correspondentes à determinada visão de mundo que é comunicada. A referência a momentos diz respeito à decisão da pessoa de trazer ou não perante a consciência o caráter de responsabilidade da existência (FRANKL, 2007, p. 17).

Na realidade, não há que se falar em divisão, e sim em confrontação entre o instintivo e o espiritual dentro do inconsciente, ainda que se adotem como referencial os conceitos e métodos de teorias com

³ Em latim, *personare* significa “soar (através)”, “retumbar”.

visões de mundo diferentes. A análise existencial-logoterapia, por exemplo, além de sobrepor as categorias temporais e espaciais por meio da valoração das escolhas, a qual é capaz de revelar uma maneira única de ser, aplica-as como medida qualitativa.

Essa abertura da existência ao humano que decide e confere à realidade um **limite** que deve ser determinado por um ser espiritual que seleciona os meios, mediante motivos e significados capazes de realizar valores no mundo. Os meios passíveis de mobilização em suas respectivas dimensões antropológicas para atuar no aqui e agora da realidade, levando em consideração o grau de determinismo e de humanismo presentes nos condicionamentos, são escolhidos no confronto com os valores que apenas uma determinada pessoa pode realizar. Tal decisão é negada pelo reducionismo que exclui qualquer possibilidade humana de escolha responsável, por considerar o homem nada mais do que suas dimensões bio-psico-social – que Frankl chamou de “ismos” reducionistas: o biologismo, o psicologismo e o sociologismo, conforme a área de conhecimentos a que fosse aplicada tal visão.

4 ONTOLOGIA DO TEMPO DA LOGOTERAPIA

Frente à transitoriedade essencial da existência humana, como pode o homem encontrar sentido na vida? Considerem-se duas posições diferentes. A filosofia existencial defende a possibilidade de dizer sim à vida apesar de sua transitoriedade, ou seja, põe ênfase no presente – por mais transitório que ele seja. Por outro lado, o quietismo – da tradição de Platão e Santo Agostinho – afirma que a verdadeira realidade é a eternidade, e não o presente. Neste caso, a eternidade é entendida como uma realidade simultânea que abrange presente, passado e futuro. Assim, não é a realidade do passado ou a do futuro que é negada, e sim a realidade do tempo como tal.

De acordo com o quietismo, o tempo é imaginário, e o passado, o presente e o futuro são meras ilusões de nossa consciência. Tudo existe simultaneamente. Os eventos não se seguem em sequência temporal, mas o que é visto como sequência no tempo é apenas um autoengano causado por nossa consciência que desliza ao longo dos acontecimentos, isto é, os aspectos individuais da realidade imutável, que não são fatos sucessivos, mas na realidade coexistentes (FRANKL, 1989, p. 94).

É compreensível concluir que o quietismo conduz a um fatalismo, pois, se cada coisa na realidade “já é”, nada mais pode ser mudado. Este fatalismo tem sua contrapartida no pessimismo do existencialismo, resultado direto da crença na instabilidade e mutabilidade de todas as coisas. A análise existencial-logoterapia, por sua vez, concorda com a verdade de que o futuro “não é”, mas que o passado é a pura realidade. Assim, ocupa a posição média entre o quietismo e o existencialismo. A analogia da ampulheta pode esclarecer essa posição.

A parte superior da ampulheta representa o futuro – o qual ainda está para acontecer, como a areia na parte superior que deve passar pela abertura estreita e que representa o presente. E a parte inferior da ampulheta representa o passado – a areia que já passou pela abertura estreita. O existencialismo vê apenas a passagem estreita do presente, sem dar atenção à parte superior e à inferior, o futuro e o passado. O quietismo, no outro lado, vê a ampulheta na sua totalidade, mas considera a areia como uma massa inerte que não “escorre”, mas simplesmente “é” (FRANKL, 1989, p. 94).

Evidente que tal comparação apresenta falhas, e é precisamente devido a elas que a essência do tempo pode ser demonstrada. Pois bem, a ampulheta precisa ser virada quando a parte superior se esvazia, e isso não pode ser feito com o tempo, devido à sua irreversibilidade. Além disso, se a ampulheta for sacudida, os grãos de areia serão misturados e mudarão de posição. Algo semelhante a isto pode ser feito com o tempo, afinal é possível “sacudir” e, assim, modificar o futuro – por meio das escolhas, da realização de valores –, mas o passado continua a ser definitivo – a não ser, claro, que seja adotada outra perspectiva que não a da linearidade do pensamento.

Quanto à inegável transitoriedade da vida, a logoterapia afirma que isso realmente só se aplica com relação às possibilidades de dar um sentido, às oportunidades de criar, de experienciar, de sofrer com sentido pleno. Quando tais possibilidades se concretizam, elas não são mais transitórias – elas passaram, elas são passado, e isto quer dizer que elas existem de certo modo, ou seja, como uma parte do passado. Nada pode mudá-las, nada pode anulá-las. Quando uma possibilidade aconteceu, ela está feita “uma vez e para sempre”, para toda a eternidade (FRANKL, 1989, p. 95).

Em cada situação e para cada pessoa específica, com seus motivos e significados, levar a responsabilidade à consciência equivale, na prática clínica, à utilização das “técnicas” logoterapêuticas. A aplicação dessas técnicas nada tem de fácil, pois os pacientes não se apresentam, como seria de supor, com sintomas únicos e definidos (RODRIGUES, 1991, p. 130).

[...] tanto a intenção paradoxal quanto a derreflexão têm uma “operacionalidade psicológica”, mas uma essência indubitavelmente existencial, porque elas se originam numa apelação ao mais profundo antagonismo psiconoético e numa decisão intencional que somente se conseguem com o que já designamos de “autodistanciamento” e “autotranscendência” (RODRIGUES, 1991, p. 130, grifo do original).

Por outro lado, a ontologia do tempo da logoterapia está longe de ser uma torre de marfim com elevado nível de abstração, pode ser clara até para o homem comum, se usarmos uma abordagem socrática (FRANKL, 1989).

Posso ser forçado a saber algo, mas nunca a acreditar nele. A crença começa justamente quando se escolhe livremente, quando se necessita de uma decisão que favoreça ou um ou outro dos termos da alternativa, quando os pratos da balança dos prós e dos contras estão em igualdade de condições, no mesmo nível. É quando, então, aquele que escolhe lança o seu próprio peso na balança, o peso de sua própria existência. A fé não é um pensar diminuído da realidade da coisa pensada, mas um pensar acrescido da existência daquele que pensa (FRANKL, 1978, p. 275).

A autocompreensão da vida como aspiração e anseio também é um caminho que leva a superar paradoxos. É possível crer que tudo é significativo, que tudo tem um supersentido. Trata-se de cada um fazer o possível, conforme seu leal entender e conhecer (FRANKL, 1978). Segundo Frankl (1978, p. 274), “não é a autocompreensão da existência como um processo de pensamento que é capaz de nos levar à realidade de Deus, mas sim a autocompreensão da vida em termos de uma aspiração”. E aqui uma ressalva precisa ser feita, antes de prosseguir rumo às metas: os efeitos das ações, uma vez praticadas, não podem ser previstos.

Precisamos ter constantemente presente ao espírito que o fundamento de toda analogia, extrapolação ou conclusão apriorística é que o máximo de essência do que está no nível inferior passa a ser o mínimo de essência do que está no nível superior. Expliquemos melhor: se o espírito humano é essencialmente espírito personificado, não devemos inferir disso que o espírito divino seja igualmente pessoal; antes diríamos que o espírito divino é, em sua expressão mínima, mas com maior exatidão, superpessoal. [...] Recapitulemos: todas as declarações sobre Deus valem exclusivamente per *analogiam*. Quanto à sua personalidade, é “como se fosse” pessoal, é “como que” uma superpessoa (FRANKL, 1978, p. 276-277, grifos do original).

Escolhas são devidas a pensamentos possíveis, ainda que não necessários, que se concretizam na responsabilidade assumida no e pelo aqui e agora. Às possibilidades da liberdade-responsabilidade corresponde à autotranscendência humana, por sua abertura ao mundo. Às escolhas, a realização de valores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentido envolve paradoxos, pois a atitude de abertura fundamental que permite aproximação de um ideal é a mesma que predispõe aos confrontos, incoerências e contradições, as quais serão tão maiores quanto forem os valores a serem defendidos – aqueles depositados no ideal. Talvez poucos, talvez muitos. E é desejável que assim seja. E que eles sejam sempre questionados, pois isso evidencia a intensidade da vontade de sentido e um instrumento capaz de medir a evolução de uma pessoa em sua trajetória de busca.

A prática de isolar eventos, idealmente, constitui sem dúvida uma formidável ferramenta que permite aos cientistas estabelecer leis de movimento e estruturas conservadas ao longo de uma história (NOVELLO, 1997, p. 2). Abordar um tema e suas eventuais possibilidades resultantes do exame detalhado das implicações de determinada teoria deveria ter sempre por prioridade considerar as consequências da aceitação integral delas. Por este motivo, adotar posição frente ao estado atual do conhecimento científico requer cautela e definição dos limites desses conhecimentos. Cada qual dentro de suas possibilidades é capaz de proceder a um “mapeamento” do conhecimento a partir do qual pretende se orientar – algo de algum modo semelhante ao que foi feito pelo autor da análise existencial-logoterapia. Num primeiro momento, definir os limites para visualizar o campo e, num segundo, decidir sobre as possibilidades, adequação e consequências da ação nele.

A referência específica ao tempo e as suas implicações na condição humana, nas relações do dia a dia, têm por intenção indicar – e alertar – que o pressuposto daquilo que costumamos denominar espaço e tempo é parte de modelos elaborados com a finalidade de descrever algumas configurações do Universo. Por este motivo é a valoração positiva do paradoxo, pois a sua presença revela a existência de outro caminho que ainda é desconhecido – ou apenas diverso –, mas que também pode ser repleto de possibilidades. Um fenômeno que aparentemente possui aspectos contraditórios está a indicar a sua complexidade e, muitas vezes, a insuficiência dos instrumentos e técnicas utilizados em sua abordagem. E é aqui que tem lugar a escolha humana, responsável por lidar com os paradoxos e, assim, por meio de atitudes no aqui e agora da existência, configurar sentido. Em termos de produção científica e coerência interna do discurso, convencionou-se considerar o tempo-espaço a partir de uma rede contínua e completa. Porém, utilizando a noção de tempo global, descrevem-se os eventos em um cenário único (NOVELLO, 1997). Isto nos leva a refletir sobre a trajetória mesma do pensamento, com seus avanços e recuos, movimentos lineares e circulares

– caso a trajetória fosse projetada em um plano, com o auxílio da geometria. Faz pensar também sobre as nuances da existência, em seus humanismos e determinismos. Mas, acima de tudo, leva a pensar sobre o humano que decide.

A unidade deve ser compreendida como processo, como um todo que interage com as partes, mantendo com elas relação de interdependência em meio às variáveis de cada situação, em cada momento. É preciso também ter em consideração o fato de que os motivos são capazes de influenciar eventos, demonstrando assim seu vínculo, pois os eventos são solidários entre si. Mas o fato é que conceitos apriorísticos muitas vezes negam a possibilidade de abertura humana ao mundo em benefício da manutenção de uma condição estabelecida – motivo pelo qual estas deveriam ser revistas constantemente.

A noção de que o real é uma unidade está vinculada aos seus elementos. Isto equivale a dizer que um evento não pode ser considerado de forma isolada e por isso faz apelo não somente a ocorrências contíguas no tempo ou, como é de se esperar, no passado (NOVELLO, 1997) – o apelo também pode ser feito em relação aos eventos futuros. É questão de possibilidade e de decisão. Qualidades exclusivamente humanas.

Nesta descrição, o que se considera como unidade formal não é a totalidade espaço em um dado momento de tempo, como na ordem do mundo que a Física tem programado, mas sim a totalidade espaço-e-tempo. O mundo não seria descrito como uma sucessão de eventos (como na história local), mas sim como uma unidade: a totalidade espaço e tempo, considerados globalmente, num discurso único e completo (NOVELLO, 1997, p. 3-4).

Novello (1997) comenta ainda que, frente a essa abertura de possibilidades e caminhos, faz-se necessária a compatibilização dos processos do mundo por meio de algo como uma orquestração capaz de impedir os paradoxos. Por volta de 1948, Frankl sugeriu que tal mediação fosse feita por meio da apresentação autêntica da responsabilidade à consciência. Tomou por referência as fases do desenvolvimento da análise existencial para comunicar essa possibilidade humana. Em vez de lidar com unidades temporais e espaciais, preferiu estabelecer o modelo da antropologia dimensional e investigar as interfaces com a existência. Até mesmo a escala valorativa pessoal pode ser pensada como uma subcategoria que atribui coerência funcional durante a interação entre a unidade antropológica e o meio no qual se encontra inserida.

Em contrapartida, achamos que as possibilidades de que se trata são as que se referem ao cumprimento do sentido e da realização de valores. O fato de que essas possibilidades sejam transitórias, de que elas, se não efetivadas, desaparecem definitivamente, leva-nos a proclamar que o homem não só é livre, mas responsável. Na verdade, ele é livre pela concretização das possibilidades transitórias, pelo preenchimento do sentido de sua existência pessoal, em especial das situações concretas que ela apresenta, e assim, mediante tal realização, ele as eterniza, uma vez que elas ficam para sempre realizadas. Realizar algo significa precisamente introduzir o elemento transitório no passado, de modo a obrigá-lo, aninhá-lo para sempre (FRANKL, 1978, p. 46).

E, a partir das descobertas da análise existencial-logoterapia, o que pode ser feito? Sua posição média evidencia a postura de respeito ao limite entre aquilo que já existe (e que é considerado passado) e aquilo que cabe ao humano decidir se concretizará como parte de uma realidade pré-existente ou de uma realidade que continuará aberta a possibilidades e à decisão humana, ainda não realizadas. Evidentemente, trata-se de um enfrentamento, de um esforço por vir a ser. Trata-se de uma tensão resultante da tentativa de adequação entre possibilidades e ação humana responsável, por meio da qual elas serão realizadas no mundo.

O presente é a fronteira entre a não-realidade do futuro e a realidade eterna do passado. Justamente por isso é a “linha demarcatória da eternidade”. Em outras palavras, a eternidade é finita: estende-se só até o presente, o momento presente em que escolhemos o que desejamos admitir na eternidade. A fronteira da eternidade é onde a cada momento de nossas vidas é tomada a decisão sobre o que queremos eternizar ou não (FRANKL, 1989, p. 101).

Depreende-se das citações que cientistas de diferentes campos de produção do conhecimento lidam com a categoria temporal de formas diversas, visando aos seus objetivos, mas é possível aproximá-los. A que mais Frankl pode estar se referindo se não à responsabilidade concreta evidenciada por meio das atitudes assumidas em cada situação específica? Ser humano envolve um nível considerável de dificuldade. Posicionar-se não é tarefa fácil.

A análise existencial-logoterapia lida com a unidade do tempo a partir do modelo da antropologia dimensional, que, na clínica, é adequada a cada caso particular. O paciente, por meio do apelo feito ao seu inconsciente espiritual, decide sobre a possibilidade de voltar-se para as dimensões da sua existência, assumindo a responsabilidade por elas. Da mesma forma como constata, vivencia e em certa medida consegue distinguir uma consciência psicológica e uma espiritual ou transcendental – ainda que não as possa nomear –, também é capaz de perceber-se como uma unidade de diferentes dimensões. Analogamente, se, em determinado momento – para fins de orientar uma decisão, por exemplo –, o sentido é buscado a partir dos valores da unidade, em outro, para a mesma finalidade orientadora, pode ser conveniente que os valores capazes de atribuir sentido sejam buscados em direção oposta, ou seja, nas dimensões existenciais. Isso se for reconhecida a ligação entre todo e partes. A análise existencial-logoterapia valoriza o momento presente, o aqui e agora. Afirma a unidade do real que é refletida na unidade antropológica e suas dimensões. Enfatiza as possibilidades do humano e as decisões dele, por meio das quais a existência é organizada.

A vida mesma é uma pergunta à qual temos condições de responder, assumindo a responsabilidade da nossa existência (FRANKL, 1978). Frankl comenta ainda que um problema começa a ser solucionado a partir do momento em que tomamos consciência de que cabe a nós responder a ele. E a resposta não necessariamente corresponde aos extremos do ativismo ou do conformismo; ela é existencial, assume a forma adequada ao momento.

À totalidade representada pela vida e suas possibilidades corresponde à liberdade-responsabilidade. No homem, a liberdade-responsabilidade se manifesta por meio de ações e decisões. Frankl conseguiu captar e atribuir forma científica à ideia segundo a qual existe um fluxo de conhecimentos que transita entre as dimensões ôntica, ontológica e humana, fluxo este equivalente aos movimentos do pensamento. Cabe a cada ser humano estabelecer uma hierarquia interna de valores que os coordene de modo a torná-los inteligíveis e, portanto, acessíveis. A partir desse suporte, a realização de valores no mundo é exatamente o que se espera da liberdade da vontade que busca por sentido de vida.

REFERÊNCIAS

- COELHO JUNIOR, A. G.; MAHFOUD, M. As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 95-103, 2001.
- CORREA, W. H.; HOLANDA, A. F. Prostituição e sentido de vida: relações de significado. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 17, n. 3, p. 427-435, set./dez. 2012.
- FRANKL, V. E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.
- _____. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Aparecida: Santuário, 1989.
- _____. **Em busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- _____. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- MACIEL, J. C. O indisponível e a psicologia. A dimensão espiritual no pensamento de Viktor Frankl. In: HOLANDA, Adriano (Org.). **Psicologia, religiosidade e fenomenologia**. Campinas: Alínea, 2004. p. 125-145.
- MOREIRA, J. O.; ABREU, A. K. C.; OLIVEIRA, M. C. Moralidade e sociabilidade em Frankl: um norte para superação da violência. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 627-635, set./dez. 2006.
- MOREIRA, N.; HOLANDA, A. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 15, n. 3, p. 345-356, set./dez. 2010.
- NOVELLO, M. **O círculo do tempo: um olhar científico sobre viagens não-convencionais no tempo**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- PEREIRA, I. S. A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 125-136, mar. 2007.
- RODRIGUES, R. **Fundamentos da logoterapia na clínica psiquiátrica e psicoterapêutica**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- ROEHE, M. V. Revendo ideias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimento. **Psico**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 311-314, set./dez. 2005.
- SILVEIRA, D. R. **O sentido da resiliência: a contribuição de Victor Emil Frankl**. 2006. 114 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belo Horizonte, 2006.
- SILVEIRA, D. R.; MAHFOUD, M. Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. **Estudos em Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 567-576, out./dez. 2008.
- XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida**. Petrópolis: Vozes, 1988.

